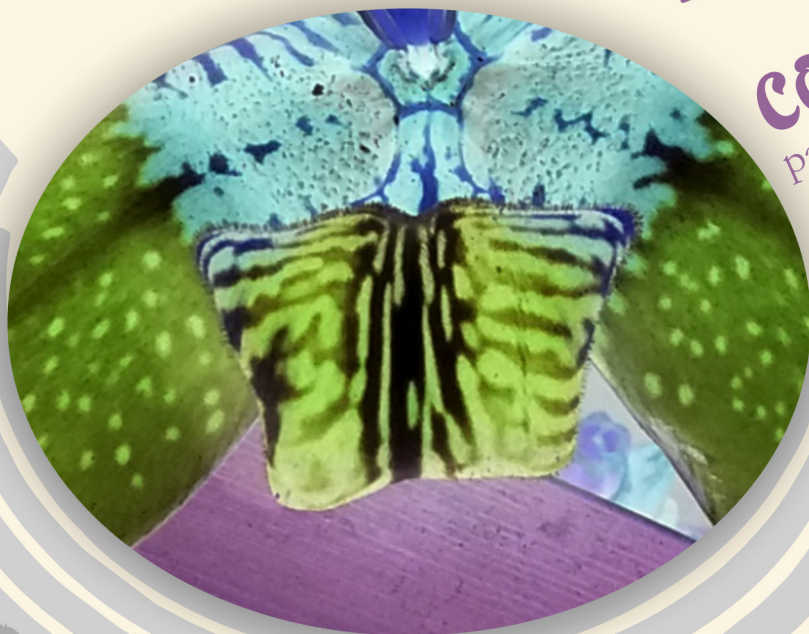


Selmo Azevedo Apontes

Palavras com quem con-verso para desdobrar-me



Selmo Azevedo Apontes

PALAVRAS COM QUEM CON-VERSO

Para Desdobrar-me



Edufac

Rio Branco, Acre, 2020

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac),
Campus Rio Branco, BR 364, Km 4,
Distrito Industrial – Rio Branco-AC, CEP 69920-900
E-mail: edufac.ufac@gmail.com / edufac@ufac.br
Feito Depósito Legal
Editora Afiliada:



Palavras com quem con-verso para desdobrar-me



Edufac

Palavras com quem con-verso, para desdobrar-me

ISBN 978-85-8236-114-6

Copyright © Edufac 2020

Selmo Azevedo Apontes

Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac

Rod. BR364, km 04 • Distrito Industrial

69920-900 • Rio Branco • Acre

Coordenador Geral da Edufac

Antonio de Queiroz Mesquita

CONSELHO EDITORIAL

Antonio de Queiroz Mesquita (Pres.), Carromberth Carioca Fernandes, Dêlcio Dias Marques, Esperidião Fecury Pinheiro de Lima, Humberto Sanches Chocair, José Porfiro da Silva (Vice-Pres.), José Sávio da Costa Maia, Leandra Bordignon, Lucas Araújo Carvalho, Manoel Limeira de Lima Júnior Almeida, Maria Aldecy Rodrigues de Lima, Rafael Marques Gonçalves, Rodrigo Medeiros de Souza, Rozilaine Redi Lago, Selmo Azevedo Apontes, Sérgio Roberto Gomes de Souza, Silvane da Cruz Chaves, Simone de Souza Lima

Coordenadora Comercial

Ormifran Pessoa Cavalcante

Editora de Publicações

Jocília Oliveira da Silva

Fotos

Selmo Azevedo Apontes

Design Editorial/Capa

Marcelo Ishii

Revisão de texto

João Carlos de Souza Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Acre

A644p Apontes, Selmo Azevedo

Palavras com quem con-verso, para desdobrar-me / Selmo Azevedo Apontes. – Rio Branco: Edufac, 2020.

142 p.

ISBN: 978-85-8236-114-6

1. Literatura brasileira. 2. Literatura brasileira - Poesia. 3. Poema. I. Título.

CDD: B869.8

Bibliotecária: Alanna Santos Figueiredo - CRB 11º/1003

Dedicatória

À Rai, Rary e Dei.

À minha mãe e ao meu pai;

A meus irmãos e irmãs;

A meus sobrinhos, primos, tios, tias;

Aos meus amigos e amigas de ontem e de hoje;

Aos meus amigos e colegas de profissão;

Aos meus alunos e aos meus professores;

Aos meus avós, Benedita e Procópio (*in memoriam*)

E a Dom Geraldo Verdier (*in memoriam*)

A todos e todas, Obrigado!

T. S. ELLIOT

V

As palavras se movem, a música se move
Apenas no tempo; mas o que apenas vive
Pode apenas morrer.
As palavras, após a fala, alcançam
O silêncio.
Apenas pelo modelo, pela forma,
Podem a palavra ou a música alcançar
O repouso,
como um vaso chinês que ainda se move
Perpetuamente em seu repouso.
Não o repouso do violino, enquanto a nota perdura,
Não apenas isto, mas a coexistência,
Ou seja, que o fim precede o princípio,
E que o fim e o princípio sempre estiveram lá
Antes do princípio e depois do fim.
E tudo é sempre agora. As palavras se distendem,
Estalam e muitas vezes se quebram, sob a carga,
Sob a tensão, tropeçam, escorregam, perecem,
Apodrecem com a imprecisão, não querem manter-se no lugar,
Não querem quedar-se quietas. Vozes ríspidas,
Irritadas, zombeteiras, ou apenas tagarelas,
Sem cessar as criticam. A Palavra no deserto
É mais atacada pelas vozes da tentação,
A sobra soluçante da funérea dança,
O clamoroso lamento da quimera inconsolada.

(Burnt Norton, Verso V, 146-167)

ELLIOT, T. S. *Poesia*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, pp.203-204.

Em meu princípio está meu fim. (T.S. Eliot, p.207)

PREFÁCIO

Almas em *Di-versos*: palavras aladas ecoando silêncios

A sina de todo poeta é, de forma indubitável, ir além dos limites dos seres de barro, pois estes, limitados que são, fenecem ante a indomável força da Vida, que, irônica, paradoxal, mas naturalmente, despe-se e apresenta-se com a indelével face da Morte; elos indissociáveis e (con)geminados de uma verdade imemorial, que, desde sempre, fora talhada para ser o próprio mistério, o enigma em forma de selo - *sigillum* - o segredo que tomba os deuses dos céus e sepulta as criaturas na terra, transformando todos, indistintamente, em pó, cinzas telúricas duma poeira estelar a vagar dispersa no Universo sem fim.

O turno poético de uma tessitura que nos impõe, como senda a ser percorrida, sinuosamente, o diálogo com as palavras é, incontestavelmente, um convite à loucura; a insanidade que, um dia, amortalhou as almas boêmias dos românticos no século XIX, a angústia, que faz parte do receituário anímico de todo filósofo, em busca da alquimia do espírito, e o desejo quase impossível de, num futuro onírico, alçarmos voos espetaculares, como pássaros de fogo, escapando de algum labirinto traiçoeiro para desmedirmo-nos, de forma singular, em rebentos solares.

Somos, na condição de leitores da poética nascente de Selmo Azevedo Apontes, *con-vocados* para, numa grande *con-fusão*, fazermos parte de uma verdade que paira acima da lógica e das razões fundadas em sentidos que sofrem a erosão implacável do Tempo. Assim, *con-versar* com as palavras é ser entorpecido pelas vísceras luminescentes que dão origem, forma e significado ao verbo; grifo primevo; semente ígnea plantada pelas

deidades míticas no filamento de cada qual a compor a grande fábula que é o Cosmo, em sua pluridimensionalidade.

Destarte, ao ingressarmos nos multiversos presentes na poética apontiana, percebemos, no verso, o *di-verso*; o que se divide, o que se fragmenta, (des)velando, ludicamente, a dualidade barroca que nos perfaz, o elemento binário que, secretamente, está inscrito no código vital dos seres e das coisas nos quadrantes da alma e nos riscos vivos que rasgam o Infinito, em siderações incessantes e colossais. No *di-verso*, navegamos como passageiros da agonia marcados pela finitude, e nos apossamos, num porvir temerário, do verso que nos identifica como seres partidos e descontinuados nas cenas prometeicas de nossa gênese.

Os poemas do tecido *di-verso* intitulado *Palavras com quem con-verso para desdobrar-me* não são texturas líricas cabíveis em ritos canônicos ou em criticismos oficiais e unânimes; antes, rompem com as cadeias palatáveis e aprazíveis da norma para proporem um mergulho no vértice da linguagem mais radical, que traduz a essência do humano e sua relação simbiótica com a realidade compreendida como camadas incontáveis entrecruzando-se permanentemente, ou gradações da própria luz, segundo a visão aristotélica sobre a verdade que se revela em níveis infinitos; ou, ainda, apropriando-se do risco heideggeriano, ao denunciar que a verdade fabula um jogo maravilhoso e fantástico de abertura e fechamento da própria realidade em sua corporeidade intangível. Esse fenômeno é possível somente pelo fazer poético, e Selmo Azevedo Apontes, com sensibilidade e maestria, transforma poemas (re)talhados em uma *con-versa*, que tem apenas o início. Quanto ao fim, para o desespero de seus leitores, é algo tão longínquo quanto inacabado, porque a sua poesia é feita de tecidos e sentimentos que se encerram na incompletude do Ser.

Polindo palavras, com sua rudez, desnudando o ser, que se nadifica em círculos, a partitividade da existência orbitando as esferas da ansiedade e da saudade, o arrebatamento angular das legendas míticas, que une pontas, aparentemente díspares, de um novelo sem fim, como *Nix* e *Caiçuma*, *Hades* e *Makaloba*, *Pigmentocracia* e *Otás*; e florestas e rios, que vertem do poeta para desaguardem nas bordas de Si, Selmo Azevedo Apontes nos oferece, em seu tecido despedaçado, um banquete ímpar, um caldo inebriante, uma sopa quase primigênia, que nos torna partícipes inescusáveis de seu (com)partilhamento para além da existência carnal.

As palavras-poemas, definição de um poeticista sobre o texto inaugural do artista, que ora se descortina para o mundo, dialogam, conversam, encantam, seduzem, solapam e arrastam nossas certezas e incertezas, nossas vozes e silêncios, nossos sonhos e devaneios, sins e não para as dobras do tempo e do espaço. Quanticamente, algo que sempre existiu e que a poesia imperiosa vaticina nas zonas intermediárias e alcançáveis pelas mãos (mais do que) deificadas do poeta.

A poética apontiana *con-clama* a todos nós para que, como testemunhas oculares, cúmplices ou quiçá vítimas da rede de palavras, que forma o grande poema nas linhas da existência, compreendamos que a dobra e a desdobra são elementos fundamentais do ser de cada qual, e que, através de sua escritura artística, somos apenas mais uma palavra a ingressar em seu mundo particular; lá, onde *estar com* é *estar com* os versos; versos com quem (e não com os quais!) conversamos; *con-versamos*, como deseja o poeta. Almas em *di-versos* numa con-versa desiderática a ecoar em asas frêmitas o silêncio *ad eternum* da poesia.

João Carlos de Souza Ribeiro

Poeticista

Rio Branco, Natal de 2019



Sumário

APRESENTAÇÃO, 15

O POETA, 16

TENHO UMA ALMA LÍQUIDA, 17

QUANDO, 18

ESTRANHO CARRASCO, 19

HÁ TEMPO NÃO POETO, 20

ANSEIO I, 21

ANSEIO II, 23

ANSEIO III, 24

ANSEIO IV, 25

ANSEIO V, 26

O SONHO, 27

UM TOQUE, 28

FRAGMENTOS, 30

QUANDO, 31

A SAUDADE, 32

À NOITE, 33

SOMOS, 34

POR QUE, 35

MEUS SONHOS, 36

O PENSAMENTO, 37

QUANDO ALGUÉM, 38

COITADO, 39

SORRISO, 40

CONJUGAÇÃO, 41

DESPOJAMENTO, 42

DE MADRUGADA, 43
O POETA, 44
NÃO POSSO, 45
NA ESTRADA DAS HORAS, 46
QUANTOS RIOS, 47
QUEM, 49
O QUE É, 50
PARA QUÊ SEDE, 51
NA TARDE NOITE, 53
A ESPERANÇA, 54
QUANDO O SILÊNCIO DORME, 55
O CAMINHO, 56
FILHO, 57
DE VEZ EM QUANDO, 58
FIM DOS FRAGMENTOS, 59
QUANDO A ÁGUA VIER, 60
O OLHAR QUEIMA, 62
COM SEU OLHAR, 63
LAMBUZEI-ME, 64
A SAUDADE, 65
O BEM QUERER, 66
O AMOR, 68
AMAR, 69
DEIXA EU FISGAR, 70
O DESEJO, 71
TEU CORPO, 72
ENGRAÇADO, 73
ASSIM COMO, 74
QUERIA VER, 75
DESCOBRIMENTO, 77
TRAGO, 78
TARDE, 79
PRIMEIROS, 80
TARDE SONHO, 81
CORÇÃO CANOEIRO, 83
TARDE CHEGUEI, 84
NUM PORTO DE SAUDADES, 86
O VENTO ASSOBIOU, 87
OTÁS NÃO FEITOS, 89

OUTONO, 91
LÂNGUIDA, 93
QUANDO DESCANSA, 94
QUE CALMA É ESSA, 96
AMOR OURIÇAL, 97
PASSEIOS, 98
A FERA, 99
CÓPIA, 100
ESTOU FARTO, 101
QUANDO A PAZ, 102
DEIXO, 103
CADA VEZ, 105
CANHESTRAS FORMAS, 106
PRETENSIVOS, 107
UM PESO, 108
SOU, 109
RAÇA(A)-ISMO, 110
LEIS, 111
LEMBRE-SE, É POLÍTICO, 112
ÍN, 113
O COICE, 115
TALVEZ O TEMPO, 116
ODEIA X ALDEIA, 118
UM MAR DE NADA, 120
POR QUE, 121
TEUS OLHOS, 122
AMOR OURIÇAL II, 123
DAMA NIX, 124
CREPÚSCULO, 125
OUTRA ODE, 127
ASSIM, 131
IMPASSÍVEL GARÇA, 132
TEUS OLHOS, 134
SERENIDADE, 135
COM A TAÇA, 137
ESTOU APRENDENDO, 138
Vou!?, 139
SOBRE O AUTOR, 140

APRESENTAÇÃO

Eis um conjunto de escritos, que julgo poemas, que há muito reluto em torná-los público. Mas, percebo que é chegado o tempo de dividir uma seleção de textos com os demais, alguns em decantamento faz 24 anos, e outros bem recentes. Confesso que recebi uma ajuda inestimável de minhas professoras de literatura na época de graduação na Universidade Federal de Rondônia – Campus de Guajará-Mirim, incentivando-me a escrever mais e a divulgar os poemas. Naquele período, fiz pouquíssimas divulgações e participação em apenas dois concursos de poemas. Mas, quanto ao material já suficiente para publicação, não fiz a divulgação naquela época. Os poemas ficaram silentes e aguardando... Então, depois de um tempo, uma pessoa muito querida para mim, Dom Geraldo Verdier (*in memoriam*), disse que eu tinha veia poética, mas teria que pensar na forma de expressão, trabalhar o texto para perceber se o que eu queria transmitir era o que estava escrito. De novo, os textos ficaram dormentes. Por causa disso, olhava de tempo em tempo alguns escritos, perdidos entre anotações de livros e folhas avulsas, e alguns organizados em forma de coletâneas, mas eles se recusavam a ser modificados... Durante os períodos de pós-graduação, os poemas me visitaram de quando em quando, rasgando as tramas do mundo “científico”, corrigindo rumo, acalentando as reflexões. Dessa forma, com pouquíssimas modificações, os poemas julgaram que o momento é propício para alçar voos (acabou a desculpa de que não tinha tempo!). E como irá perceber, cara leitora e caro leitor, escrevo não porque quero; escrevi e escrevo porque sou impelido pelas palavras com quem converso e que ajudam a me desdobrar. Por fim, deixo registrado meu agradecimento ao amigo João Carlos de Souza Ribeiro (Joãozinho), da nossa Universidade Federal do Acre, Campus de Rio Branco, por ler os textos dessa coletânea e por realizar uma magistral apresentação, com a qual fiquei lisonjeado.

Vão, poemas.

Lancem voo!

Selmo Azevedo Apontes

O POETA

O poeta utiliza sua rudez
e aspereza
para polir
as palavras.

TENHO UMA ALMA LÍQUIDA

Uma calma líquida
Uma alma solúvel
Que no rio se desmancha
Em riso
Acima dos resmungos
Da vida cíclica.

QUANDO

Quando me quiseram pau

Fui pedra;

Quando me quiseram fogo

Fui água;

Quando me quiseram vendaval

Fui quietude;

Quando me quiseram voz

Fui silêncio;

Quando me quiseram seta

Fui círculo;

Quando me pediram para ser céu,

Fui terra

Terrificado

Terrícula!

ESTRANHO CARRASCO

Quero expurgar meus versos
como se expurga um tumor,
na dor de um peito cativo
na sombra de uma ilusão.

Quero exorcizar meus versos
como se exorciza um ser ex-tranho
que me consome, me apossa
incomoda a minha paz.

Quero torturar as palavras
como elas me torturam
procurar prendê-las na arredoma do conceito
na verdade de um preceito.

Quero criar as poesias
como elas criam as minhas miragens
tiram-me daqui e me enviam para dentro de mim,
às vezes, dentro de ti.

Quero que a poesia me deixe em paz,
ela, uma algoz em meu peito,
um carrasco de minha mente,
a grade de minha liberdade.

Por que sufocas no meu canto
até que componho o que tu queres?
Fazes lacrimejantes
gritando
PAZ.

HÁ TEMPO NÃO POETO

Há muito tempo que não poeto,
Recuso-me.
Palavras vãs são ditas demais,
Às vezes, mal/ditas
Só para encher espaço em branco.

Há tempo,
Muito tempo, não poeto,
Recuso-me.
Palavras são vidas
Vidas felinas, verinas,
Num bote de víboras sedentas,
Fogo que devora emoções...

ANSEIO I

Anseio uma fonte
uma face
que me faça
penetrar
na senda do meu ser
descobrir a veste
dum espelho oculto
que oculta minha nudez.



ANSEIO II

Anseio uma fonte
uma face
que reflita os meteoritos errantes
bombardeando minhas ondas
fazendo-me descer suave num mistério
de doce magia,
um pingo de verdade codificada.

ANSEIO III

Anseio uma fonte,
um cais
um porto
que me des-perte
que me a-perte
torture meu ser
a confessar a verdade
pois este crime de viver
tem um culpado.
Quem?

ANSEIO IV

Anseio saber mergulhar
conhecer o que se interpõe
entre o amor e a dor
riso e a lágrima
alegria e a tristeza:
vício de sofrer.

ANSEIO V

Anseio uma fonte
uma face
um cais
um rio
um inocente
um culpado
num mergulho
no orgulho de ser amado.

O SONHO

O sonho
fere pontiagudamente
os extremos da realidade
fazendo pingar
uma gota de sangue:
esperança -
Mas, esperar é coisa de criança,
sonhar é coisa de criança.

UM TOQUE

Ah! Que Saudade!
Não vejo a hora
em que as nuvens vão diluir-se;
Não vejo a hora
em que a terra acolherá sedenta
os pingos de nuvens corporificadas
em formas de gotas de carinho.

É um toque!
Um encontro.
Um contato,
firme, feroz, atroz
na suavidade.
Saudade!

Quando as nuvens diluídas
tocarem a carne da terra
um arrepio correrá na superfície
e o tremor
revelará que o toque
atingiu a música íntima
da canção do mundo.

Sim!
Um arrepio de encantamento
quando se sente no corpo
Um resíduo de nuvens diluídas.



FRAGMENTOS



QUANDO

Quando minha alma dorme
Meu corpo dissolve em prantos
e risos.

A SAUDADE

*A saudade
de-forma.
Mas também
dá-forma
às pessoas.*

À NOITE

À noite
meu corpo desnudo
sentiu o gelado frio,
então abracei a solidão
e dormi.

SOMOS

Somos duas facas cegas,
cortando-se um ao outro.

POR QUE

Por que, saudade,
arranhas meu coração
com unhas
de um carinho distante?

MEUS SONHOS

Meus sonhos,
Ah, meus sonhos,
por que estão tomando
corpo?

O PENSAMENTO

O pensamento
é a carne minha
que foi ao outro
e voltou.

QUANDO ALGUÉM

Quando alguém chega
já traz consigo
presença, distância:
um adeus...

COITADO

Coitado dos modernos
corações blindados
à prova de amor.

SORRISO

Sorriso:
Veneno em corações blindados.

Sorriso:
Uma dor transmutada.

Sorriso:
Só!
Cauim
Makaloba
Caiçuma
Pós-moderno!

CONJUGAÇÃO

Conjugação:

Eu fui.

Tu ficaste.

E no subjuntivo
desencontramos...

DESPOJAMENTO

**Despojamento de si
é despisamento
do outro.**

DE MADRUGADA

De madrugada
as cosquinhas no sol
o faz sorrir
ao mundo inteiro.

O POETA

O poeta
com as palavras faz pirão
e com a linguagem
“a arapuca
para prender pensamento”.

NÃO POSSO

Não posso
me doar
em retalhos
para ninguém.

NA ESTRADA DAS HORAS

Na estrada das horas
Estrada de horas
Que se liquefazem
Em descaminhos
Nas estradas das horas
As horas liquefeitas
São correntezas

....

QUANTOS RIOS

Quantos rios
Em mim navegam?
Quantos barcos navegam
Em meu rio?

-

Quantas cidades
Em minha selva?

Quantas selvas
Em minha cidade?

--



QUEM

Quem

Quem comerá todas as verdades?

Quem?

Quem comerá as verdades

E arrotará equidade?

Quem?

-

O QUE É

O que é o amor fora do tempo?
O que é a dor fora do coração?
O que é a tristeza fora da vida?
O que é o beijo sem tesão?

PARA QUÊ SEDE

Para quê sede
se não houver o pote?



NA TARDE NOITE

Na tarde noite
Onde cai o dia
É nessa hora:
A mente desanuvia.

A ESPERANÇA

*A esperança
é um brinquedo quebra-cabeça.*

QUANDO O SILÊNCIO DORME

Quando o silêncio dorme
minh'alma dissolve
prantos e risos.

O CAMINHO

**O caminho trilhado de cada um
faz de cada escuridão
um amanhecer!**

FILHO

*Filho de peixe
é identidade geracional
e possibilidades
de novas águas!*

DE VEZ EM QUANDO

De vez em quando é preciso
“esconder-se na própria sombra”.

- FIM DOS FRAGMENTOS

QUANDO A ÁGUA VIER

Quando a água vier
E acabar com tudo
Talvez o Tudo
Seja Nada para alguns...
Nada para outros nadarem...



O OLHAR QUEIMA

O olhar queima,
ilude,
sacode
e conversa impregnante.

COM SEU OLHAR

Com seu olhar
me lapidava,
me vestia,
me cobria,
me embelezava,
me amava,
me desnudava.

LAMBUZEI-ME

Lambuzei-me...
com tuas
doce
palavras!

A SAUDADE

A saudade
que arranha meu peito
adormece minha razão.

Saudade gostosa
travessa
que atravessa minha garganta
convida a um canto
Que encante
Um ouvido distante.

Essa saudade
mansa e calma
faz auê na minh'alma

·
Eu suspiro
Não querendo pirar.
Doeu saudade em meu coração.

O BEM QUERER

O bem querer:

O toque

O suar

O olhar

Que entrelaça

E abre as profundezas da alma,

Desnudando tudo em volta

Num vai e vem,

Num vem e vai

Que acaba ficando

Fincando

Partindo em gozo

E lágrimas

Uma morada seca

E sedenta de chuva:

Um jardim

Regado num sorriso

Na fenda misteriosa

O amor é proximidade - distância

Distância - proximidade.



O AMOR

O amor

Ponto de interseção

(que se colidem)

que se perdem nas abscissas
e se encontram nas convexas.

AMAR

Amar

É cantar a mais velha das canções
e descobrir de-novo
a faísca
da pulchra prima:
beleza primeira,
sempre reluzente.

DEIXA EU FISGAR

Deixa eu fisgar
a tua paz,
deixa eu tecer
o meu amor em ti,
deixa eu trançar
teu hálito na minha esteira,
ao pé
da porta
de um templo:
nós dois nus,
Relicário sagrado.

O DESEJO

O desejo, o que é?
Um barco à vela?
Um barco a remo?
Um barco subindo a correnteza?
Uma canoa furada ?

Não!

É sim
nos laços
dos abraços
que se liquefazem
um só.

É o querer
o estar
o tocar
o sugar
o suar
É o inebriante amar.

O passo da felicidade
se encontra no corpo
se encontra nas mãos
se encontra no segredo
do coração dos que amar se permitem.

TEU CORPO

Teu corpo,
teu amor,
tua alma,
tua calma
entrelaça-se
ao meu enigma.

Se antes já não era capaz
de ser um decifrador de tua beleza,
serei um arqueologista do teu ser,
na alma do mundo,
procurando as belezas soterradas.

Teu abraço
é um aço
a fundir-se
simples e frágil
reciclável de sonhos.

E teu coração,
remendos de amor
ternura
desejo

...

ENGRAÇADO

Engraçado.
Teu amor, teu rosto
reflete outras pessoas,
reflete outros rostos,
rotos,
magros,
dessacralizados
ossos cobertos de pele
e pelos
e perseverança.

ASSIM COMO

Assim como o sol sorri auroramente no horizonte

Meu desejo arde, consome

Explode como um vulcão

Derrama as chamas do gozo

E consome florestas interinas.

Tudo some!

E a gente consome o doce gozo da vida

O gostoso fluir de carícias

O toque mágico que sobe à cabeça

Fazendo do agora o único momento

Que vale o que o tempo tem de melhor.

O Depois será depois,

Explodindo em gozo.

QUERIA VER

Queria ver bailar teu corpo
num copo de louca lucidez
saltitando sentimentos,
roubando emoção,
camuflando raciocínio
extrapolando limites do tempo
e fugindo a um espaço lânguido no
fusível toque do
cálido corpo
freneticamente áureo,
com cheiro de manga madura.



DESCOBRIMENTO

Descobrimento

Quando o véu do teu íntimo
intimidar a minha razão,
fluirá do amor esquecido no nada
o suave beijo da perenidade
com o sussurro de estranha
paz.

TRAGO

Trago teu corpo
em meus dedos

Tua pele
em minha retina

Tua dor
em minha sina

E teu beijo
em meu sonhar.

Trago
um trago
que não posso tomar

...

TARDE

Tarde
tarde te amei
quando, nos sonhos rasgados,
percebi os estragos
dos beijos que não lhe dei.

PRIMEIROS

Primeiro Soneto¹

Beijeí a faca que me trouxe a morte,
Estraçalhei a flor que me trouxe a paz.
Chutei o cão que me latia à porta,
Entreguei o ouro que garimpei voraz.

Pensei na ponte que não construí,
Derrubei o altar que me cultuou,
Velejei no barco que destruí,
Beijeí a mulher que me abandonou.

Sozinho, dispo teu corpo febril,
Sugo com beijo tua boca mordaz,
Embalo tua alma, coração de anil.

Do teu coração, não sou dono, capataz.
Perseguí tua alma, que de mim fugiu,
Mas adormeceu em meus braços, longe dos pais.

1 Menção honrosa no VIII Concurso Nacional de Poesia “Menotti Del Picchia”, promovido pelo Clube Brasileiro de Escritores e Poetas Profissionais e Amadores, 2001.

TARDE SONHO

Tarde sonho acordado
na corda do tempo enrolado
preso ao saber malhado
nas teias da quereção...

Tarde

Tarde sonho acordado
partindo de pontos alados
pensando em desejos fincados
nas terras do coração.



CORAÇÃO CANOEIRO

Coração viaja
... canoa
Deslizando no rio de sentimentos.

Coração viaja
... canoa veloz
Fugindo do teu olhar:
Doce algoz
porto de sedimento,
porto desbarrancado de emoções,
cantando canções fugidias
acalentando águas revoltas!

TARDE CHEGUEI

Tarde cheguei

...

A canoa partiu.

Fiquei partido

Em um porto,

Um porto de saudade

...

Barrentas saudades

Envoltas em lágrimas!



NUM PORTO DE SAUDADES

Num porto de saudades
Solidifiquei meus sentimentos maleáveis,
Onduláveis paixões
Num barranco escorregadio:
Surgi, como ilha de sedimentos,
Ilha de sentimentos...

O VENTO ASSOBIU

O vento assobiou
na palheira de jarina
e lá no miofo
balançou teu nome
ondulante
como um rio...

Eu navegava
Navegava em você

...



OTÁS NÃO FEITOS

Há muito
em matas e florestas
em igarapés e rios
em rios e mar
cachoeiras escorregando...

um otá
sorria
chamava
acenava
carregava comigo
Moradear,

..
Nada sabia
o porquê não dizia
de levar comigo...
Em um cesto de palha
adormecem...

Todos

...
Silentes

...
Aguardam
Otás não feitos
Otás

...
Adormecem
Esperando
Banhar...
Reunir-se
Lavar

...
Lavar para descer
Descer para guardar
Guardar para moradear...
Otás
Não banhados.

OUTONO

A árvore...
A carga de água
Faltando

...

A casca incha
E se desliga...
...arvorecer...

E eu,
O que será de meu outono?...

Que casca
precisa se desgarrar
desagarrar?

Renovar...

A árvore
e sua casca...

Processo lento..

Tempo
exige esforço

Tempo

Dor

Renovação...

Nova cor

Novo ardor

Novo calor

....

O corpo
Corporificação
E descorporificação
Até arvorecer...



LÂNGUIDA

Lânguida alma
Líquida borbulhante,

Em chamas
Flamejantes,

Em terra
Rastejante,

Em ventos
Uivantes

...

Sibilinamente...

QUANDO DESCANSA

Quando descansa a luz solar
do meu plexo,
fico perplexo
com o poder da luz lunar
que lunaticamente faz
pensar
repensar
Dispensar.

Assim, descansadamente o plexo solar
deixa deitar uma luz lunar
que acalma a sanha
reaviva a manha
de uma manhã.



QUE CALMA É ESSA

Que calma é essa
que reveste meu ser?

Que ser é este
que revista essa calma?

Qual ser da calma?
Qual ser do que se está sendo?
Acalma, ser!

AMOR OURIÇAL

Amor ouriçal
Duro, forte, resistente

...

Mas no dia quando se abre
Arrebenta-se
Explode em alegrias.

PASSEIOS

Antes de sair de casa
o reflexo no espelho
vê a máscara.

Dá um retoque
e caminha
por entre
faces
maquiadas
de verdades
e mentiras.

A FERA

A fera
Carcomia toda carne que via.
Bicando mentiras
rasgando todo o verdadeiro,
rosnava afugentando a presença.
Mas, ao chegar a madrugada,
sentia-se
só.

CÓPIA

Copiei
do azul do céu
a crua imagem de um sofrer.

Copiei
do interior
a inteira dor que sufocou.

Copiei
a crua imagem
da mentira presente nesse crime de viver.

Copiei
a monstruosa paz
que expulsa para um novo cais.

Parti!

ESTOU FARTO

Estou farto
de palavras “suaves”
cheias de espinhos
e lodos...

QUANDO A PAZ

Quando a paz
reclama um pouco de guerra

Quando a guerra
reclama um pouco de paz

...

A busca faz
e tem razão!

DEIXO

Deixo em paz
a paz
que não quer guerrear

Deixo
deixo em paz
a paz
que não quer se sujar

Deixo
deixo em paz
a paz
a paz
que dilapidou
Minha guerra.



CADA VEZ

Ah!

Cada vez que me apertam
estão afinando
meu canto
para uma nova harmonia!

CANHESTRAS FORMAS

Canhestras formas
Que em disformes verbas
No verbo voam...

...

Jucundo critério
Do não sabor do poder
Mas do chulo saber poder.
Temporário...

PRETENSIOSOS

Os pretensiosos ¶:

Árvores de muitos galhos

Mas sem raízes...

Cuidado

Que Ventania vem por aí!

- - - - -

Os pretensiosos ¶¶:

Árvore seca;

Pau pra lenha!

UM PESO

Reveste um peso
em meu ser:
as quinquilharias que me apego
ao longo do caminho.

Já não reluz o brilho primeiro
diante de tantas maquiagens
encobrindo o fulgor.

Já não caminhamos novos caminhos
pois fácil é
percorrer trilhas já abertas:
veredas novas?
Morte à singularidade!

Há um peso revestindo meu ser.
É de um suave ato
que confunde
e infunde
Tempestade.

Sou

Sou

Fagulho estelar rompendo o ego
Lasca da moralidade obstruída
Lânguida sensação do estro
Aphotegma mitológica já esquecida

¶¶

Reflexo andino em plenas calles
Linguagem obtusa e abscissa
Poema permeando a nau dos Vales
Raças e cores em dólares esquecidas.

¶¶¶

Carcaça informe que de febre arde
Ser abrupto de vivência viciada
Por que o drama da morte travada
Se põe a cantar neste disfarçado Hades?

Portador de escárnio de genes vencidos
Vendidos corpos por fetos feito mortos
Quadris cavalgando tórax apodrecidos.

Tesão da morte beijando o céu
Tesão do profano que se perdeu
Impotência do sagrado que feneceu.

Ser doente, ontologia negada
Metafísica do prazer feito cossa
Vertente de uma alma ocada
Que a essência enferma se banha em fossa.

RAÇA(A)-ISMO

Pigmentocracia,
poder da cor,
preconceito do pudor,
discriminação da epiderme.

Pigmentocracia:
a dor contada na cor,
a tatuagem cravada
como uma tela muda
da negação do ser,
cativo do não ser.

Pigmentocracia,
governo da cor,
chicote na cor,
tronco na cor,
corrente na cor,
ciência com cor.

Orixás descorados:
Obscondida sobrevivência.

Pigmentocracia,
grega cosmogênese aceita;
cosmogonias e cosmoфанias
barradas no desfile da mítica razão ocidental
universal...

Pigmentocracia, que lembrança seria?

LEIS²

Negra é a cor que me excita
neste regrado cosmo
que meu caos sepulta.
Esta ordem é sem nexo,
Este progresso sem sexo.

Arredio aos parágrafos e incisos
Emendas e remenduras,
Anarquistas da falsa lei
Que a dor no peito expurga.

Cetros, mantos e auréolas
Cajados, bastões,
Misérias e bruxarias,
Luxo, lixo, corrupções
Uniformidade à força da aristocracia.

Pedantes leis que a justiça ocultam
Parágrafos mortos em dólares vendidos.
Dou cem, some o inciso;
Não tenho um vintém, sofro incisão.

Negra é a cor que me excita,
Podre é o cheiro que lei oculta,
Enxofre é o ácido que mata a flor
E deixa os espinhos.

Sofismas, retórica
Grana e silogismo
Libertam a mentira
Para um longo reinado.

Dura lex. Sed lexne?

2 Poema selecionado como menção honrosa no I Prêmio Garibaldi Brasil de Literatura Acreana, 2007, publicado no livro “Nova Literatura Acreana”, pela Fundação Garibaldi Brasil, 2008.

LEMBRE-SE, É POLÍTICO³

Lembre-se que teu caminho é político

Teu corpo é político

Tua cor é política

Tua voz é política

Tua história é política

Teu sarro descarado

E tua ridicularização desculpada

Também é política

...

No fundo, todo ar

Todo espaço

Todo tempo

É político

Porque tua apolítica é política.

O teu desgaste em aprender sobre política

É conduzido politicamente para despolitizar o
pensamento

Despolitizar a ação

E, assim, uma marionete e um ventrílogo tu te
tornas

Apoliticamente conduzido por um político “bem”
intencionado!

Lembre-se: ovelhas apolíticas são bem preparadas
para o banquete do lobo político.

3 Poema apresentado no IV Interpet da Universidade Federal do Acre, em 2018.

ÍN

Calejando o tempo
E a consciência,

Desnudos da paz
E sua essência

Queimados nas fogueiras modernas
Irritando a mítica paz

Desnuda a realidade
Crua, cruel:
Etnocídio?
Etnogênese!
Eia!



O COICE

O coice que o vinho cria
No pensamento acumulado
É o miolo embebido
Que pelo ralo se vai mijado

Que vida canina
Separando adjetivos
Da vontade felina

Desperdícios de verbos
Lampejos de substantivos
Que vão ululando
Em monólogo
Na monópolis humana.

De fero corpo
A carne queima viva
Flor em verão
Que de raios do sol se aviva

Palavras omissas
Discursos burlados
Traduz os estragos
Da vida

TALVEZ O TEMPO

Talvez o tempo
Que tudo devora
Comite o tudo triturado
Num manjar de caos desajeitado.

Talvez o tempo engula tudo
Tranquilizando-nos
Com o nada em nossas mãos

Talvez o tempo devore tudo
Para que quando deixar de existir
Reencontremos o princípio atemporal

Talvez o tempo devore tudo
Com medo que tudo devore o tempo

Talvez o tempo devore tudo
Porque no peito rasgado
Há os estragos
De um grande vazio

O tempo
Só tem tempo
Para devorar
Para devorar-se.
Quando arranjar tempo
Para deixar de devorar
Para deixar de devorar-se
O que será?

Quando eu tinha tempo...
Ops,
Quando o tempo me tinha em seu seio

...

Se houvesse verdade no tempo
Ele dormiria numa cama de espetos.

ODEIA X ALDEIA⁴

Foi um balbúrdio da Coruja, em pleno meio-dia...

Um grito de dor...
Um grito de horror
Pululava nas veias...
Ecoando no seio da mata.

Rios tingidos de sangue,
Rostos rotos de pó mascarados,
Irmãos que não sabiam o dó.

As nuvens prenhes
Pela última vez
Soltavam um grito de dor
Pelos filhos que enchiam a terra,
Pois ela já não era Mãe...
Prostituíram-na.

A vida
Era um constante borbulhar,
Uma flecha nas águas a roçar
À beira do poente
A meditar.

A vida
Era um grande porre de chicha, de cauim, de
caçuma, de makaloba
Ao som orgânico da natureza.
A coreografia da vida
Era um sorriso sujo de paz.

⁴ Poesia Vencedora no VI Concurso de Poesia, Contos e Crônicas, Universidade Federal de Rondônia - UNIR- Abril/2000.

No entanto,
A vida adoecia a cada toque,
As pegadas na terra
Estavam calejadas,
No horizonte
Uma grande névoa cobria:
Realidade despedaçada,
Socada num pilão da tortura,
Foi o primeiro abraço do porco-espinho.

A natureza começava a morrer
Com tombo da primeira árvore,
Com o enxerto do primeiro vírus.

Eis que rompe no seio lúgubre de um penedo

Um grito:
É um parto
(entrada para a vida
ou um aceno da despedida final)

!

Um filho
Brasil.
Não descoberto

-

parido,
num período de Carnaval.

UM MAR DE NADA

Um mar de nada
Fez balançar
Fez barulhar
Meu grande oceano
Em riso satírico.

POR QUE

Por que, ciclo hermético,
és tão obnuculado
Com celícolas
De barro e sopro?

Tangenciam mentiras
Com verdades ubíquas.
Canhestras formas
Disformes veriloquências.
Verborragias!
Nada mais.

TEUS OLHOS

Teus olhos fugidios
bicho do mato
galega matreira.

Por que
teus olhos apenas
riscam
ariscos
passando correndo
sob os meus?

AMOR OURIÇAL II

Amor ouriçal
Duro, forte, resistente

...

Mas um dia quando se abre
Se arrebenta
Explode em alegrias.
Suculentas alegrias
Lácteas alegrias
Doces alegrias

...

DAMA NIX

Vésper
Vespa
Viperina
Vulva
Ventania
Vulcânica
Vulnerável

Vendavalmente vem
Caminhante das estrelas
Obscura 4 vezes
3 vezes revelada

Uma vez ensaiada
De dona da lua independente
Fixada à rota azul
Desfaz-se o autogoverno
Tentativa de curvar
Aquele que não se curva,
Mesmo distante rege o caminho do regido
Toda imperiosa!

CREPÚSCULO

Réstia de luz
Carcomida nocturnamente
Vai se esvaindo...

Engolida?

Não!

Escondendo-se da noite escura,
Protegendo-se no polo outro inclinado.

Mas

Teimosamente

Uma ponta

Um funil de luz

Resiste

À escuridão

Que chega dos dois lados

Espremendo...



OUTRA ODE

Ode étnica - a partir da ode 37 - (Horácio)

Agora é um tempo sagrado
É hora de beber a bebida sagrada
E com os pés libertos
Pular e dançar
Louvar aos antepassados
A oferenda dançante dos cantos
Emoldurados com o fertilizante suor
Que tudo revigora e acaricia
molhando a terra de alegria

É tempo de saltar, de pular, de dançar
Ao som das vozes ancestrais
Cantando a vida e seus rivais
Rindo da dor
Elevando o amor

Que furiosamente insiste em perseverar.

Cantando o pássaro
Que insiste em chamar a manhã.
Cantando a lua

Que insiste em chamar a calma
Que persegue o desânimo
O abate em cada batida de pé

Rodeante
Espantando a tristeza
Exultando a alegria
Chamando coisas boas

Vem!

Vem!

A roda da vida gira

Com os braços dados
Pés em forma de compasso
Uma batida suave e outra forte
Nos contrafortes da margem da vida
Trazem as coisas ocultas
Para dançar
Para beber
Para pular juntos
Em uma noite infinita
Que visita os sonhos
E os sonhos visitam a vida
Numa miragem
Enlace de dois mundos
Onde um só existe com o outro
Unidos
Transcorrem mensagem de alento
De ânimo
De acalento e acalanto
A cada contato da terra
Energizado se torna
E com as vozes múltiplas
A energia se comprime
Adentrando
Ficando como uma estaca
No coração do desânimo
E aí
Mais saltos
Porque é hora sagrada
De dança
De pular
Ao som da bebida sagrada

Que os gritos dos pássaros iniciem
E terminem cada canto
Rasgando uma nova realidade
Encharcar os olhos de beleza
Para as lágrimas, quando saírem, serem carregadas
de alegrias.

Para as lágrimas não serem sufocadas pela tristeza
É hora sagrada de pular, de dançar
Ao som da bebida sagrada
Que liberta e cura o pensar.



ASSIM

Assim
Dizer
Vale
Deter

Um

Terceiro
Soneto
No espeto
Decaído

Quadriculado
Jogo de dado
Jusrispudenta
Depreciado

Verborragia
Desarmonia
Imputando
Putativamente
Egregiamente
Desnorteados

IMPASSÍVEL GARÇA

Impassível Garça
Placidamente
Repousa
No repouso

...

Depois no vento
Esquece do tempo
Volteando
Pousa e repousa

...

Passos leves
Leveza impassível
Placidamente
Busca atingir a quietude

...

Impassivelmente
Aquieta-se
Lânguida
Espera
À espreita
Mistura-se
Ambienta-se
Aquaticamente
Espera
Impassível

...

Aquieta-se
À espreita
Languidamente
Vigia

Vê
Mira
E
Pega!

TEUS OLHOS

Teus olhos pulularam
Vibraram
Emitiram uma luz plácida
Brilhou teu rosto
Sorriso

...

Mas depois
Um instante
Do centro da íris
Emitiram um fluxo flamejante
De sangue
Preenchendo os poros
A ponto de quase
Quase transformar-se em lágrimas
Saudosas Lágrimas

...

Mas o sorriso as reteve.
E no regaço do abraço
Desfez as lágrimas

...

SERENIDADE

Embala minha paz
Na tua rede

O meu remo
Deposito em tua canoa

Em meu peito
Alivia tua fúria

Em tuas mãos
Segura nossas dores

Em teu sorriso
Enlaças nosso sorriso

Em teu corpo
A saudade assanha o peito
E adormece a razão.



COM A TAÇA

Com a taça
Plena
Ela
Lunarmente sorri
E oferece seus mistérios aos sedentos.
É noite!

ESTOU APRENDENDO

Estou aprendendo a maldizer

Sim

A maldizer

Por isso

Convoco todas as forças superiores

Todas as vibrações

E te maldigo:

Seja feliz!

Fique bem!

Fique em paz!

Oxalá que aconteça!

Vou!?

Vou!?
Infalivelmente vou!
No entanto,
O último grito
que vais ouvir de mim
será meu canto!

Vou,
Mas o último suspiro
Será minha melodia!

E a última gota de molécula
Será reverberada em som!

Então,
Plenamente cheia do vazio
Despreenderei!
E cairei!
Meu corpo
Será fértil!

Cigarra Aurora Setembrina

SOBRE O AUTOR



Ainda não me considero um poeta. Considero-me um aprendiz, iniciante na arte de escrever. E a escrita minha, penso, provém de memórias de vários lugares, impressões e experiências que fundiram em palavras. Assim, desde o meu nascimento em Limoeiro, Rio São Miguel que, na época, fazia parte do município de Guajará-Mirim-RO, as andanças pelos rios São Miguel, Guaporé e Mamoré ajudaram a liquefazer minhas palavras nas sendas aquáticas. A experiência escolar foi fundamental para esta escrita, no percurso: do Jardim de Infância Beija Flor, das Escolas Gomes Carneiro, Angelina dos Anjos (em Costa Marques - RO) e Sílvio Gonçalves de Faria

(em Ji-Paraná-RO). Depois, um período importante de experiência nos seminários em Guajará-Mirim-RO, Manaus-AM e Maringá-PR ajudou-me a prestar a atenção no mistério da vida. O meu casamento e experiência da paternidade de minhas duas belas meninas alargaram minhas noções e visões sobre a realidade e o cuidado. A

vivência da graduação em Letras e mestrado em Linguística na Universidade Federal de Rondônia, Campus de Guajará-Mirim, ampliou meus olhares para a saberes científicos. Nesse período, iniciei aprendizado com os povos indígenas, que me ajudou a ampliar a visão sobre os saberes e conhecimentos outros. Entre alguns trabalhos, cito que fui secretário na Escola Maria Liberti de Freitas, secretário pessoal de Dom Geraldo Verdier, membro da equipe de coordenação da Educação Escolar Indígena do Núcleo de Guajará-Mirim. Ingressando na Universidade Federal do Acre, em Rio Branco, em 2005, como docente nos cursos de Letras, tenho vivido momento de ensino, pesquisa e extensão, e que me proporcionou realizar um Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva na Universidade Federal de Minas Gerais (2015). Por fim, tendo em vista os interesses de pesquisa como resposta às demandas sociais, atuo também como coordenador do programa Saberes Indígenas na Escola, vinculado ao MEC, no qual já realizamos a coordenação de uma coletânea com 5 materiais didáticos em Huni Kuin e Shanenawa; uma Tutoria no Programa de Educação Tutorial – Conexões de Saberes – Comunidades Indígenas, que agrega 12 estudantes universitários de diversas etnias. Com o objetivo de contribuir para a formação da pós-graduação, desempenho atividades como Docente no Programa de Mestrado Profissional em Letras: Profletras; também coordenou um grupo de pesquisa em linguística teórica e descritiva. Além disso, faço parte da Administração do Centro de Educação Letras e Artes – Cela – Ufac, como vice-diretor (2020-2023). Esses fazeres contribuem para a materialidade da escrita e da convivência com as letras, até poder, um dia, tornar-me, quem sabe, poeta.

Acridoce e acrilúcido

Acridoce sabor da conquista permeando a

Acrilânguida sensação epidérmica no

Acrifúlgido lampejo lunar.

Acripândego de riso satírico revelando

Acrinúncio tempestuoso,

Navegando em rios liquidacre

De acrilóquentes sinfonias:

Acriloquaz,

L-acri-mante,

Acriando sendas!

Selmo Azevedo Apontes, janeiro, 2020.

